ISSN 2359-053x

ANO 5 - NÚMERO 53 - MARÇO 2019

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 15

OS RIOS QUE BROTAM DO PARAÍSO

p. 08

AMAZÔNIA
A crise na Venezuela e a Amazônia brasileira
p. 18

CONSCIÊNCIA NEGRA
Tem sangue retinto por trás do herói emoldurado
p. 26

ECOTURISMO
Rota do Cangaço na terra de Lampião
p. 32

Não tem sentido

ENFRAQUECER &
FATIAR &
REDUZIR &
PRIVATIZAR
A CAIXA

Acesse **naotemsentido.com.br** e saiba
por que a Caixa jamais deverá ser vendida.

FENAE CONTRAF

> **Esse crime sagrado de ser divergente, nós o cometeremos sempre.**
>
> Patrícia Galvão (Pagu)

COLABORADORES/COLABORADORAS MARÇO

Alfredo A. Saad – Jornalista (*in memoriam*). **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Bia de Lima** – Professora. **Carlos Drummond de Andrade** – Escritor (*in memoriam*). **Clarice Lispector** – Escritora (*in memoriam*). **Emir Sader** – Sociólogo. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Fábio Zuker** – Jornalista. **Fernando José de Sousa** – Jornalista. **Iêda Leal** – Professora. **Iêda Vilas-Boas** – Escritora. **Izalete Tavares** – Fotógrafa **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Lúcia Resende** – Professora. **Tarcísio Motta** – Professor. **Victor Moryama** - Fotógrafo. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk – Jornalista
2. Zezé Weiss – Jornalista
3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo
4. Ângela Mendes – Ambientalista
5. Antenor Pinheiro – Jornalista
6. Elson Martins – Jornalista
7. Emir Sader – Sociólogo
8. Graça Fleury – Educadora
9. Jacy Afonso – Sindicalista
10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista
11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora
12. Trajano Jardim – Jornalista

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Atendimento: Geovana Vilas Bôas (61) 9 9352 9191. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Logística: Calleb Reis. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Março, mês das águas. Um bom mês para homenagear os "rios que brotam do paraíso", as nascentes que brotam do Cerrado, berço das águas. Em um trabalho minucioso de pesquisa, o arqueólogo, ecólogo, professor e pesquisador Altair Sales Barbosa faz um retrato detalhado dos rios brasileiros que nascem do chão do Cerrado.

Março, mês da Mulher. Um tempo necessário para celebrar as "Marias, Mahins, Malês, Marielles", mostradas no samba-enredo da Mangueira, escola de samba vencedora do Carnaval do Rio de Janeiro, em 2019, com sua "História de ninar gente grande", ou a "História que a história não conta", sobre nossas heróis e heroínas da resistência.

Mas não é só isso. Nesta Xapuri de março, edição 53, você encontra uma análise da situação da crise na Venezuela, dados preocupantes da violência contra a mulher no Brasil, uma bonita lenda da gralha azul, responsável pela disseminação de sementes de pinhão na Mata de Araucárias, e um pequeno roteiro de ecoturismo para a Rota do Cangaço, na terra de Lampião.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Revista perfeita para quem é apaixonada pela natureza como eu! Não perco uma edição
Karine Vasconcelos - São Simão - São Paulo

Adoro as matérias da revista Xapuri, sempre pertinentes e fascinantes!
Kelsie Gonçalves - Brasília - Distrito Federal.

Uma publicação de resistência, extremamente importante neste momento que estamos vivendo.
Rafael Rosa - Goiânia - Goiás

As imagens mais populares da @revistaXapuri

Imagem do mês

@marciocampelo04
1.958 curtidas

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag
#revistaxapuri
Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 53 MAR 19

08 CAPA
Os rios que brotam do paraíso

14 LITERATURA
Lira Itabirana

18 AMAZÔNIA
A crise na Venezuela e a Amazônia brasileira

23 MITOS E LENDAS
A lenda da gralha-azul, plantadora de araucárias

36 COMPORTAMENTO
Sempre mulher através dos tempos

42 UNIVERSO FEMININO
Leolinda Daltro

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

15 HISTÓRIA SOCIAL
Duque de Caxias: para as elites, negociação; para os trabalhadores, bala de canhão

16 FORMOSA
Mulheres pioneiras no serviço público de Formosa

22 BIODIVERSIDADE
Mata de Araucárias: o ecossistema do pinheiro-do-paraná

24 CONJUNTURA
O Brasil pede a gritos um grande acordo nacional

26 CONSCIÊNCIA NEGRA
Tem sangue retinto por trás do herói emoldurado

28 SAGRADO INDÍGENA
Governo anuncia abertura de mineração em terras indígenas

32 ECOTURISMO
Rota do Cangaço na terra de Lampião

37 GASTRONOMIA
Com vocês, a maionese de pequi

38 VIOLÊNCIA
Dados alarmantes sobre feminicídio e violência contra a mulher no Brasil

40 MEIO AMBIENTE
Brasil é o 4º país do mundo que mais gera lixo plástico, e um dos que menos recicla

41 SAÚDE
Sabão de tingui, sabonete kalunga

45 RESISTÊNCIA
Ninguém solta a mão de ninguém

46 SUSTENTABILIDADE
Como pode saber um homem o que é uma mulher?

OS RIOS QUE BROTAM DO PARAÍSO

Altair Sales Barbosa

O Sistema Biogeográfico do Cerrado, que ocupa desde a aurora do Cenozoico a parte central da América do Sul, também é conhecido como o "berço das águas" ou a "cumeeira" do continente, porque é distribuidor das águas que alimentam as grandes bacias hidrográficas da América do Sul.

Isso ocorre porque, na área de abrangência do Cerrado, encontram-se três grandes aquíferos responsáveis pela formação e alimentação dos grandes rios continentais. Um deles e o mais conhecido é o aquífero Guarani, associado ao arenito Botucatu e a outras formações areníticas mais antigas. Esse aquífero é responsável pelas águas que alimentam a bacia hidrográfica do Paraná, além de alguns formadores que vertem para bacia Amazônica.

Os outros dois são os aquíferos Bambuí e Urucuia. O primeiro está associado às formações geológicas do Grupo Bambuí, e o segundo está associado à formação arenítica Urucuia, que em muitos locais está sobreposta diretamente à Formação Bambuí. Em certos pontos, há até um contato entre os dois aquíferos, apesar de existir entre ambos uma imensa diferença cronológica.

Os aquíferos Bambuí e Urucuia são responsáveis pela formação e alimentação dos rios que integram a bacia do São Francisco e as sub-bacias hidrográficas do Tocantins e do Araguaia, além de outras situadas na abrangência do Cerrado.

Esses três grandes aquíferos, armazenados nos lençóis artesianos, intercalam-se na parte central dos chapadões do continente sul-americano, formando lagoas conhecidas como águas emendadas, que tomam as direções norte, sul, leste e oeste do Continente, conforme a estrutura geomorfológica que caracteriza cada área e definindo e delimitando, dessa forma, as bacias e as sub-bacias hidrográficas.

Dos planaltos do centro da América do Sul brotam águas responsáveis pela grande alimentação do rio Amazonas, pela sua margem direita. Das entranhas dos arenitos de idades Mesozoicas brota a grande maioria das águas da imponente bacia do Paraná, que verte para o lado sul do Continente.

Do alto da Serra da Canastra, juntando águas oriundas do arenito da Formação Urucuia e águas retidas nas galerias do calcário de Bambuí, de idade Proterozoica, correm em direção ao nordeste do Brasil as águas do rio São Francisco.

Além dessas importantes bacias hidrográficas de dimensões continentais, no Cerrado ainda brotam águas que dão origem a bacias hidrográficas independentes de grande importância regional. Algumas são tão fenomenais que formam acidentes únicos.

É o caso da Bacia do Parnaíba, que nasce na Chapada das Mangabeiras, alimentada com águas oriundas do arenito Urucuia, situado no Cerrado do Jalapão, estado do Tocantins.

A bacia do rio Parnaíba, apesar das dimensões serem bem menores do que as anteriores, está associada a um grande transporte de sedimentos, que são distribuídos por vasta área do litoral norte do Brasil, formando dunas, lagoas, os lençóis maranhenses, os lençóis piauienses, estendendo até as dunas de Jericoacoara, no Ceará.

No seu encontro com o Oceano Atlântico, forma o Delta do Parnaíba, tão complexo e ao mesmo tempo tão impressionante que está entre os maiores do Planeta.

Outro exemplo importante refere-se à sub-bacia do rio Gurgeia, oriunda do Cerrado piauiense, responsável pela irrigação de uma vasta área e pela formação dos poços jorrantes com águas que brotam com tanta pressão que, ao surgirem na superfície, atingem vários metros de altura.

OS RIOS DO AMAZONAS

A Bacia Amazônica é considerada a maior rede hidrográfica do Planeta. Para descrevê-la, um observador, mesmo do espaço, é incapaz de avaliar sua

complexidade em meio a ilhas, furos, paranás e igarapés.

A bacia hidrográfica do Amazonas tem sua gênese a partir de três importantes regimes: águas de origem glacial, provenientes dos Andes; águas de origem pluvial, que alimentam a bacia pela margem esquerda; e águas tanto de origem pluvial como de lençóis profundos, que a alimentam pela margem direita.

Na realidade, são esses rios da margem direita que contribuem para os maiores volumes de água na alimentação do Amazonas e também são responsáveis por sua regularidade e sua perenização, já que as águas pluviais e glaciares da sua margem esquerda e nascentes, apesar de volumosas, possuem regimes irregulares.

Tomando a orientação de leste para oeste, pode-se constatar quão extensos e volumosos são os afluentes da margem direita do rio Amazonas, que brotam no coração do Cerrado e cujas vertentes, qual artérias interligadas, são bombeadas para irrigar e oxigenar o pai dos rios.

TOCANTINS OU ARAGUAIA

As sub-bacias do Tocantins e Araguaia são tão complexas e extensas que não se tem a certeza de qual dos dois chega primeiro ao Amazonas, ao sul de Marajó. Oficialmente é o Tocantins, mas é ele que deságua no Araguaia, e não o inverso. Porém a nomenclatura não é um fato relevante, pouco importa. O mais importante é a quantidade de água e sedimentos que esses rios levam até a foz do Amazonas, transformando-a em um ecossistema extremamente complexo.

TOCANTINS, UM RIO DE MUITOS NOMES

O rio Tocantins bem poderia ser chamado de rio Uru, que nasce nos contrafortes da Serra

Fotos: Divulgação

Dourada e segue ao norte, ao passo que seus irmãos de nascentes tomam rumo oeste em direção ao Araguaia, ou rumo sul, em direção ao Paranaíba.

Entre as pedras, o Uru é Uruíta, que mais abaixo dialoga com o dona Ana e forma o Uruana. Depois de tanto encorpar, tornou-se Uruaçu, ou Uru-Grande, nos vocábulos do Tupi.

Ou o Tocantins seria o rio das Almas, proveniente dos Pireneus, ou o Maranhão, ou ainda o Paranã, que vem do longínquo lugar onde as águas se emendam?

O fato é que o rio Tocantins é todos eles e muito mais. Inúmeros afluentes caudalosos o alimentam pela margem direita e pela margem esquerda. Alguns da margem direita têm suas nascentes emendadas com águas que correm para a bacia do São Francisco, como é o caso das águas provenientes do Jalapão e as águas do Paranã, oriundas do atual município de Formosa, Goiás.

O mesmo fenômeno acontece em relação aos afluentes da margem esquerda, com aqueles da margem direita do Araguaia. São as reentrâncias do interflúvio formado pela Serra do Estrondo que os separam.

RIO ARAGUAIA

O rio Araguaia nasce em formações pertencentes à bacia geológica do Paraná, mas integra a bacia hidrográfica do Amazonas. Seu berço e seu curso superior são compostos por águas do Aquífero Guarani.

No seu nascedouro, esse aquífero se encontra nas formações Bauru e Botucatu. No mesmo local nascem os rios Taquari, que corre no sentido oeste, integrando a bacia do rio Paraguai, no Pantanal Mato-Grossense, e o Aporé, que corre para o sudeste, desaguando no Paranaíba, formador do Paraná.

Entretanto, o Araguaia segue sereno para o norte, recebendo a todo instante portentosos afluentes tanto pela margem direita quanto pela margem esquerda. Alguns desses afluentes são tão extensos e complexos que delimitam, no tempo e no espaço, histórias próprias.

Esse é o caso do rio das Mortes, cuja nascente brota das reentrâncias da Serra do Roncador, a pouca distância de onde ao sul nascem os rios do Pantanal Norte, sub-bacia do Paraguai.

No seu curso intermediário, o Araguaia abraça a Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do

mundo. Na realidade, trata-se de um grande território com rios próprios, lagos e uma diversidade biótica impressionante. Em meio a essa complexidade, segue o Araguaia, até encontrar-se com o Tocantins, ou vice-versa, como já foi dito.

Bem próximo à nascente do rio das Mortes, emergem também das reentrâncias da Serra do Roncador os grandes afluentes do rio Xingu. Aí também se situam as nascentes do caudaloso Teles Pires.

Na borda oeste dessa Serra, surgem as águas do rio Arinos, que mais abaixo se une com as águas do Juruena, formado por uma complexa rede de nascentes da borda norte da Chapada dos Parecis, toda coberta por Cerrado.

Teles Pires, Arinos e Juruena se juntam para formar o Tapajós, que deságua no Amazonas, na cidade de Santarém. Guaporé, Mamoré e Madeira têm suas nascentes situadas nos limites à oeste do Cerrado, desde a depressão relativa do Pantanal Mato-Grossense até as águas provenientes das ilhas de Cerrado, situadas nos longínquos planaltos de Alta Lídia, Serra dos Pakaás-Novos.

Daí também descambam as águas do Jamari, que vão engrossar o já grandioso Ji-Paraná, que deságua no Madeira.

SÃO FRANCISCO BRASILEIRO

O rio São Francisco e toda a sua bacia hidrográfica correm por inúmeras terras do território brasileiro. O São Francisco tem sua nascente situada em áreas de Cerrado, na Serra da Canastra, no estado de Minas Gerais.

É alimentado especialmente pelas águas acumuladas no aquífero Urucuia e no aquífero Bambuí. Seu regime é marcado por diferenciações básicas.

A grande totalidade dos afluentes da margem direita, que recebem suas águas principalmente das chuvas, sofre influência direta de climas semiáridos, conduzidos até o curso médio superior do grande vale, pelos eixos de expansão da semiaridez.

Esses rios são classificados como rios temporários, que desaparecem na estação seca. Portanto, a perenização do rio São Francisco está na dependência direta de seus afluentes que o alimentam pela margem esquerda.

Esses rios caudalosos e outrora cristalinos correm encaixados e paralelos na formação geológica Urucuia. A grande maioria provém dos contrafortes leste da Serra Geral ou Espigão Mestre, como é o caso dos rios Carinhanha, Pratudinho, Pratudão, Formoso, Arrojado, Correntina, do Meio, Guará, Santo Antonio, Corrente e Grande.

Outros que o alimentam na porção superior têm suas nascentes nas águas emendadas próximas ao Distrito Federal, como é o caso dos rios Preto e Urucuia. Este dá nome à formação geológica que abriga o aquífero Urucuia, responsável por quase oitenta por cento das águas que alimentam o São Francisco.

O rio Paracatu é o responsável pela junção das águas dos aquíferos Bambuí e Urucuia. Ainda pela margem direita, o rio das Velhas contribui com o São Francisco, no seu curso superior, com águas oriundas, quase em sua totalidade, do aquífero Bambuí.

A última grande nascente ao norte se constitui no nascedouro do rio Preto, afluente do rio Grande. As nascentes do rio Preto estão em áreas aflorantes do arenito Urucuia, na região do Jalapão, um pouco ao sul da nascente do Paranaíba, com água quase emendada com o rio do Sono, afluente do Tocantins.

ÁGUAS DO PARANÁ

A Bacia hidrográfica do Paraná é outra formada e alimentada pelas águas do Cerrado. Apenas em sua porção inferior, após receber o rio Uruguai, esse fenômeno não é tão evidente.

As águas nascentes da Bacia do Paraná se espalham como um leque a partir do coração do Cerrado, correndo em direção ao sul do Continente. Das escarpas sul da Chapada dos Parecis e das escarpas oeste da Serra do Roncador, fluem as águas formadoras da sub-bacia do Paraguai.

O rio Paraná é formado pela junção dos rios Paranaíba e Grande. As águas iniciais do Paranaíba são originárias das águas emendadas que viajam desde o norte do Distrito Federal e se juntam às que vertem da Serra das Divisões do centro-sul de Goiás, até as que vêm das bordas leste e sul da Serra do Caiapó.

As águas do rio Grande se precipitam da borda oeste da Serra da Mantiqueira, numa área da Mata Atlântica, mas seu curso maior percorre de leste a oeste o estado de Minas Gerais, e são as águas do Cerrado mineiro que lhe dão corpo.

Assim, representada por uma complexa teia, as águas que brotam do Cerrado são as responsáveis pela alimentação e configuração das grandes bacias hidrográficas da América do Sul.

Altair Sales Barbosa
Dr. em Antropologia e Geociências
Smithsonian Institution de Washington D.C. USA
- Pesquisador do CNPq - Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

O ESCOAMENTO ESTRATÉGICO DAS ÁGUAS DO CERRADO

Altair Sales Barbosa

A disposição do relevo, tanto em suas feições geológicas quanto geomorfológicas e topográficas, "construiu" em Goiás três berços fundamentais no que tange à distribuição e ao sentido do escoamento da rede hidrográfica, pois é daqui, do topo do Planalto Central, que três grandes bacias brasileiras dispersam suas águas a partir de suas cabeceiras elevadas: a Tocantínea (T), a Paranaica (P) e a Sanfranciscana (S).

Esta última, através dos rios Preto e Urucuia, escoa suas águas para o leste. Por essa disposição, pode-se constatar que o Tocantins é um estado eminentemente amazônico, na medida em que todas as águas da bacia Tocantínea escoam para o norte e que Goiás é quase simetricamente dividido ao meio entre as bacias Tocantínea e Paranaica.

A Bacia Sanfranciscana aí se insere como que para "quebrar" a hegemonia das águas platinas e amazônicas que drenam o território goiano. Acrescente-se a isso o papel de rios como o Araguaia e sua imensa bacia (que drena toda a banda oeste dos dois estados) e outros menores, como os rios Verdão, Claro, Corrente e Aporé (que drenam basicamente o sul-sudoeste do estado), Caiapó, Vermelho, Peixe, Crixás-Açu (que alimentam o Araguaia), Paranã, Palma, Manoel Alves e Palmeiras (que drenam o sudeste tocantinense), Sono e Manoel Alves Grande (no nordeste do Tocantins), Formoso, Coco, Caiapó e Lontra (principais afluentes do Araguaia em território tocantinense).

O sentido desse escoamento comandou também em Goiás o sentido de outros fluxos, conferindo ao território um simbolismo peculiar: o seu papel geopolítico, na medida em que a capital federal, do alto do Planalto Central, seguindo o caminho das águas, comanda a vida política do país, dirigindo as ordens e as decisões para os quatro cantos do território nacional.

Essa particularidade geográfica do território goiano faz dele – mais do que fora no passado – o elo estratégico da articulação e da mobilidade espaciais de todo o território brasileiro.

Quando observada com mais atenção, percebe-se que essa disposição da rede de drenagem goiana é plena de conotações de toda ordem, principalmente porque ela insinua que nessa porção central do Brasil o sentido que tomam as águas e os caminhos a partir do topo do Planalto Central conferem ao território uma permeabilidade ímpar, o que faz de Brasília, construída sobre o grande divisor norte-sul das águas brasileiras, uma capital geopolítica por excelência.

Um dos aspectos da hidrografia regional que mais chamam a atenção neste mapa é a interligação entre as bacias Tocantínea e Paranaica através dos córregos Brejinho (afluente do rio Bartolomeu) e Vereda Grande (afluente do rio Maranhão), cujas águas escoam de uma mesma nascente localizada exatamente no topo do grande divisor que separa as águas do norte das águas do sul do Brasil.

Tombada há mais de 40 anos como Área de Proteção Ambiental (APA), a "Estação Ecológica de Águas Emendadas" encontra dificuldades para preservar sua especificidade em decorrência da ocupação incontrolável de seu entorno pela agricultura intensiva e pela expansão da malha urbana das duas Planaltinas (a cidade do Distrito Federal e a cidade goiana), localizadas a poucos quilômetros dali.

Altair Sales Barbosa
Dr. em Antropologia e Geociências
Smithsonian Institution de Washington D.C. USA
- Pesquisador do CNPq -
Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

BAMBUÍ, URUCUIA E GUARANI:
OS GRANDES AQUÍFEROS DO CERRADO BRASILEIRO

Fernando José de Sousa

Aquíferos são formações ou grupos de formações geológicas constituídas por rochas porosas e permeáveis que permitem o armazenamento de grandes volumes de águas das chuvas – essas águas alimentam as nascentes de rios e também podem ser captadas em poços semiartesianos e artesianos para abastecimento de populações humanas.

Os aquíferos são reservas de água estratégicas, responsáveis pelo fornecimento de até 90% das águas que formam os caudais dos rios da região do Cerrado, especialmente na época da estação da seca. Apesar de serem aparentemente abundantes, as águas dos aquíferos dependem da recarga periódica nas estações das chuvas, quando a vegetação natural do Cerrado permite a infiltração da água no solo.

A substituição intensa da vegetação nativa por plantações aumenta grandemente o fluxo de águas na superfície do solo, levando a grandes perdas por evaporação em prejuízo aos aquíferos, provocando reduções importantes na produção de água nas nascentes das bacias hidrográficas da região.

É fundamental que se encontre um ponto de equilíbrio entre as atividades agropecuárias e a preservação das matas nativas do Cerrado como forma de se garantir a tradicional abundância das águas na região.

Apesar de serem apresentados sempre no singular, essas formações são agrupadas na forma de sistemas de aquíferos interligados, que se estendem por grandes áreas geográficas. A região do Cerrado brasileiro possui três grandes aquíferos: o Bambuí, o Urucuia e o Guarani.

AQUÍFERO BAMBUÍ

O aquífero Bambuí se divide entre áreas do Cerrado e do Semiárido, tendo seu trecho mais importante na região norte de Minas Gerais, porém sua área natural de recarga abrange uma superfície total de mais de 180 mil km² nos estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Tocantins, atendendo um total de 270 municípios, especialmente na região conhecida como Polígono das Secas.

Está inserido dentro da bacia hidrográfica do rio São Francisco, alimentando nascentes de importantes afluentes do rio. As águas deste aquífero são consideradas de boa qualidade e se encontram em profundidades entre 50 e 100 metros. Poços de captação retiram grandes volumes de água deste aquífero para uso no abastecimento de diversos municípios no norte de Minas Gerais e no sul da Bahia.

AQUÍFERO URUCUIA

O aquífero Urucuia está localizado integralmente na região do Cerrado e se estende por toda a região oeste do estado da Bahia, que concentra entre 75 e 80% da área total, além de trechos nos estados: Tocantins, Goiás, Piauí, Maranhão e noroeste de Minas Gerais, ocupando uma área total de 120 mil km². Esse sistema de aquíferos tem importância fundamental na regularização da vazão de rios que nascem na região e que correm na direção do rio São Francisco, sendo fundamentais para o abastecimento de cidades e uso em sistemas de irrigação.

As águas dos aquíferos Urucuia e Bambuí são estratégicas para a região do Semiárido, pois são elas que garantem a perenização de importantes rios da região em épocas de seca prolongada, quando diversos rios menores literalmente secam.

Uma característica importante desse sistema de aquíferos é que suas águas se concentram em baixas profundidades e estão sujeitas a contaminação por atividades agropecuárias e destruição da vegetação nativa, o que também compromete a recarga de águas.

Outra fonte importante de problemas é a superexploração das águas para fins de irrigação, especialmente na região do Cerrado baiano, uma das frentes agrícolas que mais tem crescido nos últimos anos.

AQUÍFERO GUARANI

O imenso aquífero Guarani ocupa uma área total de 1,2 milhão de km², estendendo-se por áreas das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, avançando por regiões do Paraguai, Argentina e Uruguai.

O Guarani considerado o segundo maior aquífero conhecido do mundo, ficando atrás apenas do sistema de aquíferos Alter do Chão da região amazônica. Alguns cálculos indicam que o Guarani possui uma reserva total de águas que seria suficiente para abastecer toda a população brasileira por até 2.500 anos.

Oito estados brasileiros abrigam trechos do aquífero Guarani: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nestas áreas de ocorrência do aquífero no Brasil, que compreendem 70% da área total da formação, vive uma população estimada em, pelo menos, 30 milhões de habitantes (o mapeamento da área total do aquífero é atualizado constantemente).

O aquífero tem 50% de sua extensão em terras brasileiras concentradas em áreas do Cerrado. Cidades do interior de São Paulo são as maiores utilizadoras de águas captadas no aquífero Guarani, a exemplo de Ribeirão Preto, cidade que retira toda a água utilizada para seu abastecimento de poços alimentados pelo aquífero.

Fernando José de Sousa
Jornalista em: https://ferdinandodesousa.com/2017/05/24/bambui-urucuia-e-guarani-os-grandes-aquiferos-do-cerrado-brasileiro/

LIRA ITABIRANA

Carlos Drummond de Andrade

I
O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

II
Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

III
A dívida interna
A dívida externa
A dívida eterna.

IV
Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Em berro?

Carlos Drummond de Andrade
Escritor

DUQUE DE CAXIAS: PARA AS ELITES, NEGOCIAÇÃO; PARA OS TRABALHADORES, BALA DE CANHÃO

Tarcísio Motta

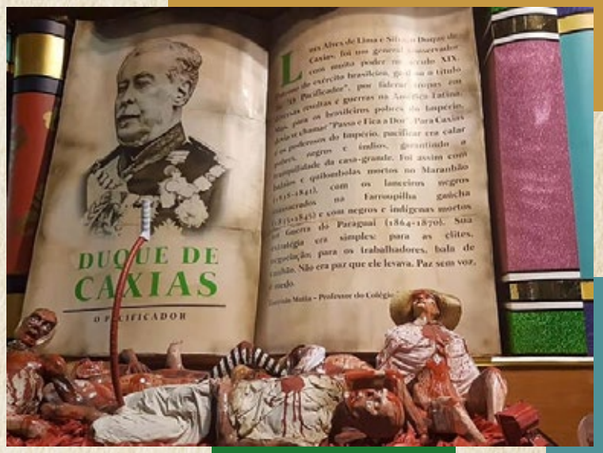
Por detrás do retrato emoldurado do Duque de Caxias, tem mesmo muito sangue retinto e pisado. É a história que a história não conta, que tive a honra de poder partilhar não só com uma sala de aula, mas com uma avenida inteira.

O texto que escrevi tornou-se, honrosamente, parte de um dos carros alegóricos da Estação Primeira de Mangueira. Que tenhamos coragem de desafiar, dentro e fora da Marquês de Sapucaí, a historiografia que esconde o genocídio de nosso povo.

"Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi um general conservador com muito poder no século XIX. Patrono do exército brasileiro, ganhou o título de "O Pacificador", por liderar tropas em diversas revoltas e guerras na América Latina. Mas, para os brasileiros pobres do Império, devia se chamar "Passa e Fica a Dor".

Para Caxias e os poderosos do Império, pacificar era calar pobres, negros e índios, garantindo a tranquilidade da casa-grande. Foi assim com balaios e quilombolas mortos no Maranhão (1838–1841), com os lanceiros negros massacrados na Farroupilha gaúcha (1835–1845) e com negros e indígenas mortos na Guerra do Paraguai (1864–1870).

Sua estratégia era simples: para as elites, negociação; para os trabalhadores, bala de canhão. Não era paz que ele levava. Paz sem voz, é medo."



Tarcísio Motta
Professor. Vereador pelo PSOL –RJ

MULHERES PIONEIRAS
NO SERVIÇO PÚBLICO DE FORMOSA

A história de Formosa registra a presença de mulheres marcantes na vida pública da cidade. Além de Auta Vidal, designada professora de meninas já no século XIX, três mulheres, Maria das Dores Chaves, Taurinda Guimarães Caiado e Ana Ribeiro de Freitas, tornaram-se pioneiras como funcionárias dos Correios no início do século XX.

Essa informação está no livro *"Álbum de Formosa – um ensaio de história de mentalidades"* – obra póstuma do jornalista formosense Alfredo A. Saad (falecido em 2011), publicado pela família no ano de 2013:

"No início do povoamento do sertão de Couros, não havia transporte de correspondência para particulares. Não se sabe quando Formosa teve o seu primeiro serviço oficial de correspondências. Em 1835, no dia 25 de fevereiro, foi criada uma linha de correio mensal entre Couros e Santa Luzia.

Presume-se que o serviço tenha sido inaugurado naquele ano mesmo, pois, logo, já no dia 10 de junho, foi designado agente Manoel Monteiro Guimarães, o primeiro de uma prestigiada estirpe, principalmente feminina, de servidores daquele posto.

De 1915 a 1927, foi agente dos Correios dona Maria das Dores Chaves que, em 1928, perdeu o cargo, porque o Governador Caiado buscava dominar seus desafetos e seus adversários políticos também pelo controle do correio.

Com a inauguração definitiva do telégrafo, em 1928, foi necessária a instalação de uma agência de telegramas, que, evidentemente, se encarregava também da distribuição da correspondência e dos jornais que chegavam, de vinte em vinte dias, inicialmente.

Para agente dos Correios, então, foi nomeada dona Taurinda Guimarães Caiado, que faleceu pouco tempo depois, em maio de 1930. A morte de dona Taurinda coincidiu com a morte de Caiado, desalojado do poder em Goiás por Pedro Ludovico.

Para substituir dona Taurinda, foi designada dona Ana Ribeiro de Freitas, casada com Leonel de Campos, vindos de São José do Tocantins. Leonel de Campos era bisneto de Auta Francisca da Silva Rocha (Auta Vidal), designada, em 1862, a primeira professora primária de uma escola formosense para meninas."

Observação: Não foi possível encontrar fotos das pioneiras. Foto Formosa histórica encontrada no site: http://formosahistorica.blogspot.com

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

NOSSA FORMOSA,
NOSSO ORGULHO!

Comprando uma camiseta, você contribui para fortalecer o trabalho do Coletivo Vivarte em Formosa - Goiás.

CAMISETAS 100% ALGODÃO
FAÇA SEU PEDIDO AGORA!

Camiseta
Toca da Onça
Coleção: Formosa
Cor: Amarelo Ouro

Toca da Onça
Milênios de História
Formosa - Goiás

Arte: Bruno Bernardes
Acervo: Xapuri

Camiseta Itiquira
Coleção: Formosa
Cor: Laguna

Itiquira
Fartura das Águas
Formosa - Goiás

Arte: Bruno Bernardes
Acervo: Xapuri

Xapuri
SOCIOAMBIENTAL

Camiseta Bisnau
Coleção: Formosa
Cor: Rubi

Bisnau
Mistério da História
Formosa - Goiás

Arte: Bruno Bernardes
Acervo: Xapuri

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

A CRISE NA VENEZUELA E A AMAZÔNIA BRASILEIRA

Fábio Zuker

Nas últimas semanas, os conflitos políticos entre o governo de Nicolás Maduro e seus opositores na Venezuela parecem ter mudado de patamar. Logo após a nova posse de Maduro, no dia 11 de janeiro de 2019, o deputado Juan Guaidó, eleito presidente da Assembleia Nacional venezuelana, de maioria oposicionista, passou a ser reconhecido pela Casa como presidente interino da república venezuelana.

A razão de a oposição não reconhecer o novo mandato de Maduro são as fortes suspeitas de fraudes que rondam a eleição de 2018, contestada internacionalmente por mais de cinquenta países e pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Como afirmou o cientista político Sérgio Abranches, em coluna no jornal O Globo, "a Venezuela

está presa em um labirinto sem heróis".

Os governos bolivarianos de Hugo Chávez e Maduro não souberam se valer do momento de alta do petróleo para diversificar a economia Venezuelana, com investimentos na indústria e agricultura. Com a queda do valor de mercado do petróleo em 50% (de 112 dólares americanos em 2015 para 56 dólares, em meados de 2017), a economia venezuelana afogou-se em uma grave crise: hiperinflação, falta de remédios e alimentos tornaram a antes pujante economia sul-americana em um país marcado pela fome.

A oposição, por sua vez, em mais de uma ocasião se recusou a aceitar os resultados eleitorais, que elegeram e reelegeram Hugo Chávez ao longo dos anos, e chegaram inclusive a boicotar o processo eleitoral. Parte da oposição, ao apoiar o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, tornou ainda mais miserável a vida dos venezuelanos, praticamente impossibilitando qualquer retomada econômica do país sob o governo Maduro.

A AJUDA HUMANITÁRIA E O HISTÓRICO DE INTERVENÇÕES NORTE-AMERICANAS NA REGIÃO

O capítulo mais recente da crise teve início com o envio da ajuda humanitária por Estados Unidos, Brasil e Colômbia, no último dia 23 de fevereiro. Agências humanitárias, jornalistas e analistas políticos parecem não ter muitas dúvidas de que a ajuda de alimentos trata-se de uma forma de ingerência estrangeira nos assuntos internos do país, com o objetivo de forçar a deserção de militares e favorecer a oposição, que então se encarregaria de distribuir toneladas de cestas básicas e remédios para uma população faminta.

O cálculo norte-americano era fortalecer a figura do oposicionista Guaidó e torná-lo reconhecido pelas forças armadas como presidente legítimo do país – o exército venezuelano permanece fiel a Maduro, pese o crescimento das deserções nos últimos dias, que podem ser calculadas em cerca de trezentos militares.

Para Elói Senhoras, professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima (UFRR), estado brasileiro mais afetado pela crise do país vizinho, "a maneira como se manifestou a ajuda humanitária acabou sendo uma estratégia mal calculada. Houve o fechamento da fronteira com a Colômbia e com o Brasil. E isso acabou repercutindo.

A maneira, o momento no qual foi feito, de se fazer uma pressão ainda maior no regime do Maduro, acabou se tornando um tiro no pé". Com a decisão de Maduro de fechar as fronteiras com Colômbia e Brasil, a ajuda humanitária foi repelida e não atingiu nem os seus objetivos humanitários, nem os seus objetivos políticos.

O governo Maduro recebeu duras críticas pelo desperdício de alimentos e medicamentos em momento tão delicado para a população, e a Cruz Vermelha também criticou o uso político da ajuda humanitária, que não segue o tripé "neutralidade, imparcialidade e independência" da instituição.

Para Elói Senhoras, "a possibilidade de uma intervenção militar na Venezuela é baixíssima frente à presença da China e da Rússia no Conselho de Segurança (da ONU)". Rússia e China são os dois principais parceiros da Venezuela e financiadores da dívida venezuelana. Roraima depende hoje da energia que compra do país vizinho, e "o Brasil só conseguiu fazer o pagamento da energia venezuelana via bancos russos", afirma Senhoras.

Apesar dos Estados Unidos em mais de uma ocasião terem afirmado que não descartam o uso da força militar na Venezuela, e da mudança de postura da Casa Branca, que tem se pronunciado abertamente pelo fim do governo de Maduro, Senhoras considera pouco provável uma ação militar em solo venezuelano. Uma invasão da Venezuela "depende da aprovação do congresso americano. E a opinião pública norte-americana não apoiaria, principalmente na América Latina. É um cenário improvável", afirma o professor, referindo-se ao desgaste que ações prolongadas de guerras no Afeganistão e Iraque tiveram nos governos de George W. Bush e Barack Obama, frente a opinião pública norte americana.

O histórico de intervenções militares norte-americanas na América Latina para desestabilizar governos que lhe eram desfavoráveis veio sempre acompanhado de violência, violação de direitos humanos e ditaduras. A tentativa de invasão da Baía dos Porcos em Cuba, por um grupo paramilitar cubano anticastrista com apoio norte-americano, em 1961; a invasão da República Dominicana em 1965 contra os crescentes movimentos de esquerda do país; o golpe militar no Chile, que em 1973 derrubou o governo democraticamente eleito de Salvador Allende e que instaurou uma ditadura das mais violentas da América Latina, sob o mando do General Augusto Pinochet; em 1989, a invasão do Panamá para prender o General Noriega e assegurar a abertura do Canal do Panamá; são apenas algumas das ações realizadas diretamente ou com influência norte-americana no subcontinente.

Devido a esse histórico, e prevendo que uma ação militar na

Foto: Victor Moriyama/Acnur

Venezuela possa gerar uma ampla guerra civil no país, com aumento do fluxo migratório e possíveis tensões na fronteira com países vizinhos como Brasil e Colômbia, o Grupo de Lima tem se oposto à ação militar. Formado por 14 países das Américas, "o grupo de Lima tenta demarcar uma posição internacional sobre o assunto. Dentro do próprio Grupo de Lima não existe consenso. México reconhece o governo de Maduro. Uruguai mantém uma neutralidade", afirma Senhoras.

PRINCIPAIS IMPACTOS DA CRISE NA VENEZUELA PARA A AMAZÔNIA BRASILEIRA

Os principais impactos da crise venezuelana para a Amazônia brasileira têm sido o alto fluxo migratório em regiões com pouca capacidade de absorção e os apagões no estado de Roraima – o único que não está integrado no sistema de Tucuruí, e depende da compra de energia venezuelana, que tem se mostrado instável. Com o acirramento das tensões, todos os cenários apontam para a possibilidade de intensificação do fluxo migratório, seja devido ao recrudescimento do embargo econômico, seja devido a uma intervenção estrangeira no país.

Dassuem Reis Nogueira é doutoranda em antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em Santarém (Pará), trabalhou como antropóloga na Casa de Acolhimento de Adultos e Famílias, da Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social, com a chegada dos indígenas Warao da Venezuela. "Não conhecíamos os Warao, e ainda não os conhecemos, na verdade", afirma.

Dassuem Nogueira relata o preconceito no tratamento com relação aos indígenas que chegam no país. "Querem fazer logo de imediato o teste de HIV", sem que exista necessariamente correlação entre sintomas das doenças apresentadas pelos indígenas e a contaminação pelo vírus da Aids. Os trabalhadores do abrigo que recebe os Warao não falam espanhol, e muitos indígenas falam apenas a língua nativa, o que torna o trabalho de recebimento e atendimento a essa população muito delicado.

"Os Warao são caçadores, coletores e pescadores. E desde a década de 60 estão indo na cidade por danos ambientais às terras. Na Venezuela não tem política de proteção a territórios indígenas. Esses grupos vão e vêm para a cidade, desde década de 60, procurar o que comer, formas de trabalho. Tem grupos que vêm direto das comunidades. Eles estão vindo para cá por fome mesmo", afirma a pesquisadora.

Conforme Dassuem Nogueira, a região do Alto Orinoco é de difícil acesso e já na década de 1960 começaram projetos de desenvolvimento da região, e construíram estradas na região. "Começou um processo de desertificação e salinização das águas. Houve também a instalação de uma petroleira no delta do Orinoco, que gerou um grande impacto. Por isso os projetos de compensação e de assentamento em casas". Alguns indígenas recebiam salários do governo, como forma de compensação, e viviam entre a cidade e suas comunidades. Entretanto, com a hiperinflação, não conseguiam mais aceder a bens básicos de consumo.

"Os Warao vêm de grandes jornadas de andanças, pedindo caronas, em situações muito difíceis. Chegam no Brasil, e a situação de acolhimento não é legal, muitas vezes dormem na rua", conclui a pesquisadora, afirmando que a maior preocupação do ponto de vista da saúde é com a tuberculose, e também dermatites de difícil tratamento e fácil contágio, como a escabiose.

Fábio Zuker
Jornalista. Mestre em Ciências Sociais pela École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS de Paris. Matéria publicada originalmente no site da agência Amazônia Real (http://amazoniareal.com.br/crise-na-venezuela-e-amazonia-brasileira), de quem é colaborador desde 2016. O texto original foi editado, por limitações de espaço.

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

SEGUIR SONHANDO,
SEGUIR LUTANDO!

Comprando uma camiseta, você contribui para fortalecer o trabalho do Comitê Chico Mendes, no Acre.

CAMISETAS 100% ALGODÃO
FAÇA SEU PEDIDO AGORA!

Xapuri
SOCIOAMBIENTAL

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

Camiseta
Chico Mendes
Cor: Verde Bandeira

«Não vamos permitir que nossas florestas sejam destruídas»

Arte: Emir Bocchino
Acervo: Xapuri

Camiseta
Chico Mendes Vive
Cor: Vermelha

Chico Mendes Vive!

Arte: Daniela dos Santos
Acervo: Xapuri

Camiseta
Chico Mendes
Cor: Cinza Chumbo
Chico Mendes Vive!

Arte: Daniela dos Santos
Acervo: Xapuri

Camiseta
Chico Mendes Vive
Cor: Preta

Chico Mendes Vive!

Arte: Daniela dos Santos
Acervo: Xapuri

Camiseta
Chico Mendes
Cor: Verde Bandeira

Chico Mendes Vive!

Arte: Emir Bocchino
Acervo: Xapuri

MATA DE ARAUCÁRIAS:
O ECOSSISTEMA DO PINHEIRO-DO-PARANÁ

Parte da Mata Atlântica, a Mata de Araucárias é um ecossistema que ocorre no sul do Brasil, estendendo-se pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e em manchas esparsas em São Paulo e Minas Gerais.

Embora nela predomine a existência do pinheiro-do-paraná, ou araucária, conhecido por seu nome científico, Araucária angustifólia, a Mata de Araucárias também abriga uma das maiores biodiversidades entre os biomas brasileiros, com suas mais de 300 espécies vegetais e animais.

Diversificada, a flora da Mata de Araucárias tem plantas como: xaxim (Dicksonia sellowiana), pinheiro-bravo (Podocarpus lambertii), araçá (Psidium cattleianum), cedro-rosa (Cedrella fissilis), araticum (Annona rugulosa), imbuia (Ocotea porosa), erva-mate (Ilex paraguariensis), canela-guaicá (Ocotea puberula) e canela-lageana (Ocotea pulchella).

Com suas aves e roedores, a fauna da Mata de Araucárias constitui um elemento importante na dispersão das sementes. Ali vivem a gralha-azul, ave símbolo da Paraná, os esquilos, o gato-mourisco, a cutia, a jararaca, a capivara, o macaco-prego, a jaguatirica, o tamanduá, a preguiça-de-coleira e o mico-leão-dourado.

Bastante peculiar, a Araucária angustifólia é uma planta dioica (planta em que a flor masculina e a feminina nascem em árvores diferentes, o que torna a reprodução mais difícil) da família das coníferas. Seu tronco alcança 2 metros de circunferência e, na altura, chega em média aos 25-30 metros, mas há árvores de 50.

É da Araucária angustifólia, essa árvore de grande dimensão com madeira boa para o comércio, que vem o pinhão, essa semente deliciosa que movimenta milhões de reais para a economia da região. Na natureza, o pinhão é semeado principalmente pelos esquilos e pela gralha azul, ave típica da Mata de Araucárias.

Porém, com o desmatamento, tanto para a exploração madeireira quanto para a expansão da área agrícola, a Mata de Araucárias, que originalmente ocupava cerca de 200.000 km2, foi reduzida a menos de 3% de sua área original. Para salvar o ecossistema, foi criado um plano nacional para a recuperação e preservação da Mata de Araucárias.

Fontes:
https://www.resumoescolar.com.br/biologia/curiosidades-sobra-a-mata-de-araucaria/
https://www.infoescola.com/biomas/mata-de-araucarias/

A LENDA DA GRALHA-AZUL, PLANTADORA DE ARAUCÁRIAS

Conta a lenda que houve um tempo em que a gralha-azul era apenas uma gralha comum, também muito bonita, mas só uma gralha parda que queria ser útil para a humanidade, mas não sabia bem como.

Um dia, enquanto dormia num majestoso galho de um pinheiro-do-Paraná, a gralha acordou com os golpes de um machado derrubando sua morada. Assustada, voou para as nuvens, para esquecer a tristeza de ver a sua árvore tombada. Entristecida, a gralha pensou em não mais voltar.

Lá no céu, uma voz divina a fez lembrar do que fazia na floresta: enquanto se alimentava do fruto do pinheiro, ela sempre enterrava no chão um naco dele, a parte mais suculenta, onde ficava a semente, para comer mais tarde. Mas como sempre se esquecia do local onde deixou seu lanche, sem querer sempre plantava muitos pés de araucária.

A voz lhe disse que, dali pra frente, o que era apenas um esquecimento seria a sua grande missão humanitária. Antes de voltar à terra, suas penas foram pintadas de azul, para que ela pudesse se destacar das demais aves enquanto fosse espalhando as sementes de pinhões para preservar a Mata de Araucárias.

Desde então, por onde passa, a gralha-azul vai plantando os pinheiros-do-paraná com seu método peculiar: depois de comer a parte mais fina do pinhão, com o bico ela pressiona a outra parte, a da semente, até enterrá-la no chão. E, para completar seu trabalho, cobre o local com folhas, pedras, ou galhos, para que a semente possa germinar e dela possa nascer um novo pé de araucária.

Fontes: https://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/gralha/
https://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda_gralha_azul.htm

O BRASIL PEDE A GRITOS UM GRANDE ACORDO NACIONAL

Emir Sader

O país está paralisado. O governo não consegue governar, a oposição está asfixiada pelas perseguições políticas. O Brasil não suporta mais as incertezas, as ameaças, as declarações e as ações estapafúrdias de ministros. O país vê ser desmontado o patrimônio público, enquanto os direitos das pessoas são afetados profundamente.

A vitória eleitoral mediante artifícios ilegais e imorais permitiu que a direita impedisse que o PT voltasse a governar o Brasil. Mas paga um preço caro, com um presidente sem as mínimas condições de assumir o cargo efetivamente e dirigir o país. Não tem condições sequer psicológicas de se apresentar como presidente do Brasil e enfrentar questionamentos da imprensa.

Menos ainda de representar o país lá fora. Sua próxima viagem, mesmo a países escolhidos a dedo – Israel, Chile e EUA – promete ser uma vergonha de proporções mundiais. Ele não poderá deixar de ficar exposto a perguntas, a questionamentos, a temas, de que ele foge aqui, com a conivência da mídia. Nem nos EUA e no Chile, ele poderá se furtar à mídia. Ficará claro para o mundo não somente suas posições obscurantistas, mas que ele nem psicologicamente pode assumir um cargo público.

As posições de política internacional já causam danos graves para a economia brasileira, tanto em relação à soja e a produtos agrícolas hoje vendidos à China, como ao frango, e a outros produtos vendidos aos países árabes. Na viagem a Israel, ele será pressionado para confirmar as posições aventureiras do Brasil em relação a Jerusalém, e só piorará as perspectivas do comércio exterior do país.

A falta de coesão política do governo no Congresso coloca grandes dúvidas sobre a possibilidade de aprovação da reforma da Previdência. O governo quer aprovação rápida, para mostrar serviço ao grande empresariado, mas quanto mais rápida a votação, maiores riscos para o governo, que aceita todo abrandamento das medidas propostas, para garantir a aprovação de alguma versão da reforma. Que, por sua vez, enfrenta a dificuldade de tentar incluir os militares, condição de votação da reforma, mas que conta com forte resistência destes e até mesmo dos policiais.

As incertezas econômicas e políticas sobre o futuro imediato do país e do próprio governo colocam freio aos investimentos, já diante de um desempenho sofrível da economia no ano passado, com previsão similar para este ano. As turbulências sociais pelas mobilizações populares serão um componente seguro do cenário político para este ano.

A isso se acrescenta a situação do Lula. A vergonhosa sentença da juíza no processo de Atibaia, a imensa solidariedade que o Lula recebeu no momento da morte do seu neto, em contraste com a brutais reações dos filhos do presidente, repudiadas e corrigidas por eles mesmos, a popularidade do Lula na sua breve saída – tudo gera expectativas ainda maiores sobre o seu destino futuro. A Lava Jato gostaria de acumular condenações que o privem da possibilidade de ele reconquistar a liberdade. Mas o enfraquecimento do Moro no governo, as novas denúncias sobre a Lava Jato – sobre a compra das delações por parte das empresas acusadas e a criação de um fundo privado com recursos públicos -, e manifestações de juízes do STF, geram maiores expectativas sobre o novo julgamento da questão da prisão em segunda instância, dia 10 de abril.

De qualquer maneira, a sensação que vai se criando no cenário político é a de que o país não pode seguir assim. Esses dois primeiros meses do novo governo foram desastrosos, para o governo e para o país. E o presidente pretende desconhecer os desastres: cede às pressões dos filhos, reafirma que vai seguir apoiando-os, reitera o projeto de perseguição à educação, com uma suposta operação Lava Jato contra a resistência de professores e estudantes ao obscurantismo do governo, jogando álcool no fogo.

Não se vislumbra ainda, além de posições do vice-presidente e de juízes do STF, quem poderia assumir a responsabilidade de um novo acordo nacional, que pacifique minimamente o país. Mas está claro que qualquer acordo político nacional tem que se dar sem e contra os Bolsonaros, que restaure a ideia de que são adversários e não inimigos se digladiando na esfera política e que contemple a liberdade do Lula.

Será possível? Quem assumirá a responsabilidade de um acordo desse tipo? Que país teremos se não se conseguir esse tipo de acordo?

Emir Sader
Sociólogo
Autor do livro "O Brasil que queremos."

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

LULA LIVRE!

Compre uma camiseta
e contribua para fortalecer
a campanha Lula Livre,
em defesa da liberdade
do presidente Lula.

CAMISETAS 100% ALGODÃO
FAÇA SEU PEDIDO AGORA!

Camiseta Lula Livre | Coleção: Resistência | Cor: Vermelho
Lula Livre!

Arte: Igor Arruda
Acervo: Xapuri

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

TEM SANGUE RETINTO POR TRÁS DO HERÓI EMOLDURADO

Iêda Leal

Fotos: Divulgação

O dia quase amanhecia na madrugada do dia 4 para o dia 5 de março quando a Mangueira, tradicional escola de samba do Rio de Janeiro, abriu na passarela uma bandeira do Brasil nos tons verde-e-rosa da escola. Mas o inusitado não parava aí: no lugar do tradicional "Ordem e Progresso", em um consagrador reconhecimento aos invisíveis da nossa história, ali estava escrito "Índios, Negros e Pobres."

Ao contar sua "História para ninar gente grande", a Mangueira mostrou ao mundo uma História do Brasil muito distinta da narrativa eurocêntrica reproduzida e imortalizada em nossos livros escolares. Não, o Brasil nunca foi um país de cordatos que se deixaram aniquilar sem qualquer reação. Ao contrário, nossa História está repleta de heróis e heroínas que tombaram em luta, que construíram uma valente trajetória de resistência.

Em matéria publicada no portal Geledés, o pesquisador Aydano André Motta, do projeto Colabora, fez um resumo dos principais resgates históricos mostrados pela Mangueira:

"DESDE 1500 TEM MAIS INVASÃO DO QUE DESCOBRIMENTO": Releitura histórica, a partir da constatação de que, como havia indígenas quando as caravelas de Cabral aportaram no litoral da futura Bahia, os portugueses não descobriram nada; na verdade, invadiram um território habitado.

TAMOIOS ("MULHERES, TAMOIOS, MULATOS"): Palavra que, em tupi, define avós ("ta'môi), denominação dos índios tupinambá, depois ressignificada na Confederação dos Tamoios, revolta dos povos indígenas (tupinambás, tupiniquins, guaianazes, goitacás e aimorés) contra os colonizadores portugueses, entre 1554 e 1567.

DANDARA ("BRASIL, O TEU NOME É DANDARA"): Ícone das mulheres negras brasileiras. Exímia caçadora e conhecedora da região de difícil acesso da Serra da Barriga, em Alagoas, conseguia ludibriar e criar armadilhas entre a vegetação fechada e densa, não permitindo que seus oponentes obtivessem sucesso nas investidas. Dandara lutava, amava e impelia seu povo a resistir.

CARIRI ("E A TUA CARA É DE CARIRI"): Conjunto de etnias indígenas do sertão nordestino que enfrentou, nos atuais Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, de uma guerra de extermínio logo após a expulsão dos holandeses da região. O episódio, pouco conhecido, ganhou o nome de Confederação dos Cariris (ou Guerra dos Bárbaros).

DRAGÃO DO MAR ("A LIBERDADE É UM DRAGÃO NO MAR DE ARACATI): Francisco José do Nascimento, o Chico da Matilde ou Dragão do Mar, foi um líder jangadeiro que comandou greve no transporte de mercadorias e escravizados para os navios no litoral de Fortaleza, explica o professor Amilcar Araújo Pereira, do ensino de História da Faculdade de Educação da UFRJ. O movimento ganhou força a ponto de provocar a abolição da escravidão no Ceará em 1884 – quatro anos antes da data oficial do Brasil.

"QUEM FOI DE AÇO NOS ANOS DE CHUMBO": Toda resistência à ditadura militar – "inclusive dos negros, invisibilizados porque a Lei Segurança Nacional proibia referências ao racismo", lembra Amilcar.

MAHINS ("DE OUVIR AS MARIAS, MAHINS, MARIELLES, MALÊS"): Citação a Luiza Mahin, mãe de Luiz Gama, o maior abolicionista negro, rábula (advogado não formado) que conseguiu libertar mais de 500 pessoas na Justiça – isso na época da escravidão. "Ela é uma das protagonistas da Revolta dos Malês em 1835, em Salvador, e era chamada de mahin pela língua que falava", ensina o professor Amilcar. "A única referência a ela está na autobiografia de Luiz Gama".

MALÊS ("DE OUVIR AS MARIAS, MAHINS, MARIELLES, MALÊS"): A revolta em Salvador de muçulmanos negros escravizados, em 1835. (Imalê é a palavra em iorubá, a língua mais falada pelos africanos na diáspora, para muçulmano. No Brasil, virou malê.) Eles dominavam a escrita em árabe e organizaram o levante com bilhetes, numa organização que não foi descoberta porque senhores e feitores não sabiam ler. A sublevação pedia liberdade e melhores condições de vida. "Os malês fogem completamente do estereótipo do escravo. Conheciam matemática e tecnologia e buscaram na Revolução Haitiana seu ideal de revolta", narra Amilcar, citando a sublevação do país da América Central inspirada na Revolução Francesa.

LECIS, JAMELÕES ("DOS BRASIS QUE SE FAZ UM PAÍS DE LECIS, JAMELÕES"): Leci Brandão, cantora, compositora e atriz, primeira mulher a participar da ala de compositores da Mangueira. Jamelão, José Bispo Clementino dos Santos, o maior e mais longevo intérprete de sambas-enredo da história do Carnaval. Cantou os hinos da Mangueira de 1949 a 2006.

Em 14 de março, completamos um ano do assassinato da militante negra Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes. Que este rasgo de consciência nos fortaleça na luta por justiça, sobretudo neste momento da nossa história em que, uma vez mais, como diz o samba-enredo da Mangueira, continua tendo sangue retinto de nossos mártires por trás dos que matam, mandam matar, e como heróis se emolduram no panteão da pátria brasileira.

Iêda Leal
Tesoureira do SINTEGO; Secretaria de Combate ao Racismo da CNTE; Conselheira do Coordenadora Nacional do Movimento Negro Unificado – MNU; Vice Presidenta da CUT-GO.

GOVERNO ANUNCIA ABERTURA DE MINERAÇÃO EM TERRAS INDÍGENAS

Zezé Weiss

"Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações."

Chico Buarque

Foto: Divulgação

Enquanto milhões de brasileiros e brasileiras se concentravam nos desfiles e blocos da maior festa popular do planeta, o ministro das Minas e Energia, Almirante Bento Albuquerque, anunciou a abertura da mineração em terras indígenas para empresas privadas.

Segundo reportagem de Marcos de Moura e Souza, publicada no jornal Valor Econômico no dia 6 de março, o anúncio foi feito no dia 4, segunda-feira de Carnaval, durante participação do ministro em um dos principais eventos globais da mineração, o *Prospectors and Developers Association of Canada* (PDAC), em Toronto.

Perguntado sobre como seria a relação com os povos indígenas, o ministro disse que os indígenas serão ouvidos, mas não poderão vetar a exploração de minas de minério em suas terras. Segundo Bento Albuquerque, as terras indígenas serão abertas à mineração para que "tragam benefícios para essas comunidades e também para o país".

CONVENÇÃO 169 DA OIT

A declaração do ministro contraria o estabelecido pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), vigente desde 1989, da qual o Brasil é signatário, segundo a qual os povos indígenas e tribais têm o direito de serem consultados, de forma livre e informada, antes de serem tomadas decisões que possam afetar seus bens e direitos.

Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), o direito de consulta prévia pode ser resumido como o poder que os povos indígenas têm de influenciar efetivamente o processo de tomada de decisões administrativas e legislativas que lhes afetem diretamente.

Em alguns casos, a consulta tem sido instrumento que dilata e barra decisões. Em outros, um eficiente espaço de negociação e, em alguns outros, vulgar manipulação que pretende legitimar decisões arbitrárias adotadas unilateralmente pelo Estado muito antes da consulta, diz o ISA.

DECISÃO "VIRTUALMENTE IMPOSSÍVEL"

Em entrevista à *Revista Fórum*, o subprocurador-geral da República Antônio Carlos Bigonha considerou ser "virtualmente impossível" a liberação de mineração em terra indígena. Bigonha explicou que, para explorar minérios em terra indígena, o governo precisaria consultar previamente as comunidades indígenas, pedir a autorização do Congresso Nacional e editar lei complementar regulamentando a exploração, conforme previsto no artigo 231 da Constituição.

"O que o ministro anunciou no Canadá é virtualmente impossível. Tem três etapas que o governo tem que cumprir. Ele teria que explorar esses minérios com base em uma lei que nunca sequer foi aprovada no Congresso Nacional", explicou Bigonha, que também é coordenador da 6ª Câmara da PGR, que cuida dos direitos de populações indígenas e comunidades tradicionais.

De acordo com o texto constitucional, "o aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas".

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

CERRADO E POVOS TRADICIONAIS: PERSPECTIVAS PARA OS PRÓXIMOS ANOS

Muito se especulou sobre a área socioambiental durante o processo eleitoral e após a eleição para a Presidência da República em 2018. A principal dessas especulações, talvez tenha sido a proposta de extinção do Ministério do Meio Ambiente (MMA), pelo então presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL). Fruto de mobilizações, tanto por parte de organizações da sociedade civil quanto de aliados do agronegócio, o Ministério resistiu. Contudo, ações adotadas pelo Governo Federal já no primeiro dia de mandato, como a Medida Provisória (MP) 870/2019, se mostram adversas às reais necessidades do Cerrado, de seus povos e das comunidades tradicionais.

A MP 870 alterou as atribuições e a estrutura dos ministérios e dos órgãos ligados à Presidência da República. Por exemplo, não existe mais dentro do MMA o núcleo de combate ao desmatamento, às queimadas e à desertificação, criado na década de 1980. Já não é novidade que o Cerrado é um dos biomas que mais sofrem com o desmatamento no Brasil. Dados de 2018 do próprio MMA comprovam que cerca de 50% da vegetação nativa do Cerrado não existe mais. Grande parte é fruto do avanço indiscriminado do agronegócio na região.

Foto: Acervo ISPN

"Vejo com grande preocupação as mudanças administrativas, não só na área ambiental, mas também em órgãos encarregados de povos indígenas e tradicionais. A nova configuração esvazia funções importantes do Ministério do Meio Ambiente e pode resultar em menos proteção a setores mais vulneráveis da população brasileira", destacou Mercedes Maria da Cunha Bustamante, bióloga e professora do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília (UnB).

De acordo com ela, o Cerrado está, particularmente, mais vulnerável, pois é menos protegido que a Amazônia, por exemplo, no âmbito do Código Florestal. "Além disso, tem um percentual menor de áreas protegidas e sofre maior pressão de expansão do agronegócio, principal vetor de conversão de áreas naturais no Cerrado. Adicionalmente, conta com uma grande diversidade social que depende da conservação dos recursos naturais".

Mas não são somente os povos e comunidades tradicionais que dependem da existência e conservação do Cerrado. O bem-estar da população brasileira é dependente da integridade e saúde dos ecossistemas naturais, no caso do Cerrado, principalmente para suprimento de água, regulação climática, polinização, controle de vetores de doenças e pragas. "Uma gestão que não considere a complexidade de tais interações compromete diretamente a qualidade de vida da população", observou Mercedes.

Com as mudanças na área socioambiental, os impactos acabam sendo mais pesados para os povos originários e tradicionais. Com o fim da Secretaria de Extrativismo, por exemplo, não se sabe qual será o futuro da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI), reconhecida como uma das políticas ambientais mais importantes do Brasil. Outra reforma que impacta diretamente os povos indígenas é a transferência da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), antes subordinada ao Ministério da Justiça, para a pasta da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos. Além disso, a demarcação de Terras Indígenas e a atribuição de opinar sobre o licenciamento ambiental de projetos com impactos sobre essas áreas foram transferidas do órgão indigenista para a nova Secretaria de Assuntos Fundiários (SEAF) do superministério da Agricultura (MAPA), comandado pelo agronegócio. "Sem uma atuação responsável do setor na busca do balanço entre as várias demandas de uso do território, os conflitos tendem a se acentuar, e os prejuízos afetarão o próprio setor do agronegócio", alertou a bióloga.

Em reportagem, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) mostrou que, no início de 2019, pelo menos seis terras indígenas já sofrem com invasões e ameaças de invasão. Em um movimento de defesa e garantia de direitos, o Plenário do Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH) aprovou, por maioria, em fevereiro, a Recomendação nº 02/2019, que trata de identificação, delimitação, demarcação e registros das terras tradicionalmente ocupadas por indígenas, assim como do licenciamento ambiental nas terras indígenas, para que tais temas permaneçam como área de competência da FUNAI.

Hiparidi Toptiro, coordenador geral da Mobilização dos Povos Indígenas do Cerrado (MOPIC), demonstra grande preocupação com os impactos que essas mudanças podem gerar. O principal deles é o apoio declarado do atual governo ao agronegócio, inclusive como prática para os povos originários. "Alguns povos indígenas já estão aderindo às práticas do agronegócio na região do Mato Grosso e isso é preocupante para nós". Para ele, o maior impacto do agronegócio na vida dos indígenas, além dos males causados pelo uso de agrotóxicos, é a mudança na estrutura social. "Altera o nosso modo de vida e a prática da agricultura tradicional. Há mudanças de comportamentos e de hábitos, principalmente por parte dos jovens. Eu não sou contra. O problema é que eles violentam o nosso modo de viver e não levam em consideração a diversidade que há entre os povos indígenas".

Outra medida que está preocupando os povos originários é a municipalização da saúde indígena. "Foi uma prática que já existiu e não deu certo. Quem são os prefeitos das nossas cidades? São os fazendeiros. Os vereadores são os filhos dos fazendeiros", argumentou. Srewe Xerente, coordenador da MOPIC no Tocantins, reforça que os direitos indígenas não podem ser misturados com questões políticas. "É preciso que a gente tenha autonomia enquanto povo. Ser autônomo e ter participação direta nas decisões que nos impactam".

Outro povo tradicional que pode sofrer sérios impactos é o quilombola. O principal deles é que Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), responsável pela titulação dos quilombos em âmbito federal, agora também está vinculado à Secretaria Especial de Assuntos Fundiários (SEAF), do MAPA. Quem está à frente dessa secretaria é o presidente licenciado da União Democrática Ruralista (UDR), Luiz Antônio Nabhan Garcia. A UDR surgiu na década de 1980 como reação à reforma agrária e aos movimentos camponeses e trabalhadores rurais. "Nós lutamos para fazer valer os nossos direitos previstos na Constituição Federal (Decreto Federal 4.887/03). Nós temos direito de continuar em nossas terras, de cultivar a partir dos nossos modos de vida, como nós aprendemos com os nossos ancestrais. E isso precisa ser respeitado", destacou Sandra Pereira Braga, que vive no Quilombo Mesquita, localizado na Cidade Ocidental (GO), e também é coordenadora executiva da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). "A nossa luta é comum à luta dos indígenas e de todos os povos tradicionais. Nossos territórios são os mais conservados. Precisamos do Cerrado não só para a nossa sobrevivência, mas pra a sobrevivência de todos. Conservar o Cerrado é dever de todos os brasileiros".

O prazo para apresentação de emendas à MP 870 terminou no dia 11 de fevereiro. Foram apresentadas 500 propostas de alteração na norma. Uma comissão mista foi formada para montar um Projeto de Lei de Conversão (PLV) da medida. Somente depois disso segue para o plenário da Câmara e, de lá, para o Senado. Toda a tramitação deve ocorrer em 60 dias, podendo ser prorrogada por mais 60. Caso contrário, a MP perde a validade. Até a publicação desta reportagem, a MP não havia entrado no Congresso Nacional.

A Rede Cerrado conta com o apoio do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (CEPF, na sigla em inglês para *Critical Ecosystem Partnership Fund*) e do DGM Brasil – Mecanismo de Apoio Dedicado a Povos Indígenas, Comunidades Quilombolas e Comunidades Tradicionais do Cerrado Brasileiro. Para saber mais, acesse: www.redecerrado.org.br.

Rede Cerrado

ROTA DO CANGAÇO NA TERRA DE LAMPIÃO

Eduardo Pereira

Lampião é tão presente e tão forte no imaginário popular brasileiro que existe até um roteiro turístico existe, no noroeste de Sergipe, no coração do sertão nordestino, para celebrar as memórias de Maria Bonita e seu adorável cangaceiro.

Pra quem quiser dar uma volta pela "Rota do Cangaço", a cidadezinha de Canindé de São Francisco, localizada a 200 km de Aracaju, a capital de Sergipe, concentra bons atrativos sobre a história de Maria Bonita, de seu amado Lampião, e também de Corisco e Dadá, figuras centrais no bando do cangaceiro.

Em uma viagem que dura em média 4 horas, o passeio pela Rota do Cangaço inclui um bom passeio de barco pelo rio São Francisco, com direito à vista de fabulosos paredões rochosos, até chegar ao Cangaço Eco Parque, que fica na Fazenda Angico, em outra cidadezinha que se chama Poço Redondo.

É lá que fica a famosa Grota do Angico, que é onde Maria Bonita, Lampião e outros nove cangaceiros caíram numa emboscada e foram mortos por uma "volante" de 49 soldados da polícia alagoana.

Até lá, são cerca de 2 km de caminhada em um cenário de Caatinga para ver o local exato onde, em 28 de julho de 1938, o tenente João Bezerra da Silva mandou degolar os cangaceiros para, num gesto de crueldade, expor seus crânios nas escadas da Prefeitura de Piranhas, a 12 km da Fazenda Angicos. O passeio é difícil, exige guia e resistência, porque o caminho se dá por um terreno pedregoso e árido.

Parte desse passeio incrível para quem está na região é fazer uma caminhada de cerca de 600 km pela Trilha do Angico, porque é nela que fica a famosa Banheira de Maria Bonita, uma grota onde dizem que a mulher do cangaceiro costumava tomar banho nas raras vezes em que chovia no sertão. Também dizem que é nessa grota que os cangaceiros se divertiam jogando dominó, e onde dormiam Maria Bonita e Lampião, em uma cama de pedra, ajeitada sobre as rochas locais.

Depois é voltar pro barco, almoçar em um restaurante ribeirinho e se preparar para um bom jantar em Piranhas, em meio a um casario histórico preservado, com apresentações culturais no centro histórico da cidade.

De Piranhas também se pode sair de barco para explorar outros caminhos da Rota do Cangaço, como uma visita a Entre Montes, no Cangaço Eco Parque, conhecida pela produção de bordados.

Eduardo Pereira
Sociólogo
@weiss_guru

LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

CAMISETAS 100% ALGODÃO
FAÇA SEU PEDIDO AGORA!

CANGAÇO

As sandálias de Lampião e Maria Bonita, só no Nordeste, com Seu Espedito Saleiro. Mas as camisetas do Cangaço, você pode comprar aqui, agora, na Loja Solidária da Xapuri. Comprando uma camiseta, você contribui para fortalecer o trabalho do Coletivo Vivarte em Formosa - Goiás.

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

Camiseta Maria Bonita
Coleção Cangaço - Cor Rosa BB

Olê mulé rendeira,
Olê mulé rendá
Tu me ensina
a fazê renda,
que eu te ensino
a guerreá.

Cancioneiro Popular

Arte: Danny Ataíde
Acervo: Xapuri

Camiseta Lampião
Coleção Cangaço - Cor Amarelo Ouro

É Lampião
que vai entrando,
amando, gozando,
querendo bem!

Virgulino Ferreira da Silva

Arte: Danny Ataíde
Acervo: Xapuri

Camiseta Corisco
Coleção Cangaço - Cor Rubi

Te entrega, Corisco!
Eu não me entrego,
não!
Eu não me entrego
ao tenente,
nem tão pouco
ao capitão.
Eu só enfrento a puliça
de parabelum na mão!

Glauber Rocha - Sérgio Ricardo

Arte: Danny Ataíde
Acervo: Xapuri

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

Sinpro-DF: 40 anos com você

Este ano, o Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF) completa 40 anos de história, marcada por lutas e conquistas.

Em 14 de março de 1979, o embrião do que se tornaria o Sinpro-DF, a Associação Profissional dos Professores do DF (APPDF), recebia uma carta do Ministério do Trabalho reconhecendo a entidade com o título de sindicato.

Com uma gestão colegiada, formada por treze secretarias, o Sinpro-DF conta, atualmente, com cerca de 32 mil filiados, entre professores(as) e orientadores(as) educacionais da ativa e aposentados(as).

Desde a sua criação, o sindicato tem atuado arduamente por melhores salários, melhores condições de trabalho e de vida, pela garantia e manutenção de direitos e contra todo tipo de injustiça.

De lá para cá, inúmeras vitórias foram alcançadas como, a Gratificação de Alfabetização, em 1994, a Gestão Democrática nas escolas, em 1995, a jornada ampliada, em 1996, a aprovação do 3º Plano de Carreira, reconhecido como o melhor do país e tantas outras.

Uma das bandeiras de luta em 2019 é pela valorização da categoria. Pensando nisso, o Sinpro-DF lançou a campanha Profissão Professor, que visa combater a criminalização do magistério e debater com toda a sociedade sobre a importância de valorizar a profissão que é uma das mais importantes para o desenvolvimento de uma nação.

"A história de sucesso do nosso sindicato é resultado da participação ativa de todos(as) os(as) professores(as) e orientadores(as) educacionais que, juntos(as), engrossam a luta em defesa dos direitos e da democracia", afirma a diretoria colegiada do Sinpro-DF.

SINPRO
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
Filiado: CUT CNTE DF
40 ANOS
CUT BRASIL
CNTE

SEMPRE MULHER ATRAVÉS DOS TEMPOS

Clarice Lispector

Mais pura que uma pintura – pela Idade Média a ideia de beleza mudou drasticamente. Inspiradas pelo que o gentil homem considerava perfeição, como lutaram para sacrificar seus encantos bem mortais!
O que faziam? Quase que arrancavam fora as sobrancelhas, o que lhes dava suavidade aos olhos. Raspavam a linha de nascimento dos cabelos, afastando-a bem – e o resultado era uma testa bem mais ampla, bem mais nobre.
E empoavam os rostos até conseguir a palidez que, na Renascença, ainda foi mais louvada.

Clarice Lispector
Escritora, em Correio Feminino.
Organização Maria Aparecida Nunes.
Editora Rocco, 2006.

COM VOCÊS, A MAIONESE DE PEQUI

Lúcia Resende

Dos frutos que os peregrinos do alvorecer encontraram no pomar do paraíso, aqui no Cerrado do Brasil Central, há mais de 12 mil anos, um dos mais versáteis é o pequi. Come-se arroz com pequi, frango com pequi, carne-seca com pequi, pequi assado, e por aí vai. Sem exagero, há quem chame o fruto de carne amarela, eu inclusive!
Em Goiás, especialmente aqui na nossa região do Nordeste goiano, ultimamente têm aparecido deliciosos temperos à base de pequi com pimenta. E há notícias de que a Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás desenvolveu uma maionese à base do azeite de pequi.
Para a maionese de pequi caseira, o segredo é acrescentar polpa do fruto a sua receita caseira. A que faço é bem orgânica, bem simples, totalmente artesanal, e pode ser usada na hora com legumes cozidos ou crus, com mandioca cozida, com batata doce, no pão ou nas saladas.

INGREDIENTES

- 2 gemas de ovo caipira
- 1 xícara de chá de azeite de oliva
- 2 colheres de polpa de pequi
- sal e pimenta a gosto

PREPARO

Coloque a gema, metade da polpa de pequi e uma pitada de sal de numa tigela. Bata devagar e sempre (na batedeira ou na mão mesmo, com o fuet), até formar uma mistura homogênea. Quando estiver bem firme, acrescente o restante da polpa, teste o sal e tempere a gosto com pimenta, de preferência com pimenta-de-cheiro. Fica uma delícia!

Lúcia Resende
Professora
@mluciares

DADOS ALARMANTES SOBRE FEMINICÍDIO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL

Zezé Weiss

Neste mês de março o Brasil completou 4 anos da Lei do Feminicídio, ou Lei 13.104, de 9 de março de 2015, que alterou o art. 121 do Decreto-Lei 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

Infelizmente, os dados da violência contra a mulher brasileira são cada vez mais alarmantes. Segundo um levantamento do Datafolha, encomendado pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) para avaliar o impacto da violência contra as mulheres no Brasil, nos últimos 12 meses, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento, e 22 milhões (37,1%) das mulheres brasileiras passaram por algum tipo de assédio em algum lugar do Brasil; 7,8% foram vítimas de assédio no transporte público.

Nenhuma surpresa, mas mesmo assim os dados chocam. A grande maioria das mulheres que sofreram violência conheciam seu agressor (76,4%), 42% das agressões se deram no ambiente doméstico e mais da metade (52%) das mulheres violentadas se calaram, não fizeram nenhum tipo de denúncia contra o agressor.

O estudo mostra ainda que as mulheres pretas (28,4%) e pardas (27,5%) são mais vitimadas do que as brancas (24,7%), e que há mais violência contra as mulheres mais jovens. Das mulheres com 16 anos ou mais, 27,4% sofreram algum tipo de violência entre fevereiro de 2018 e fevereiro de 2019. São 536 casos de violência contra a mulher por hora no Brasil.

TRÊS MORTES POR DIA

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) registram o assassinato de mais de 1,1 mil mulheres por questões de gênero no ano de 2017; uma média de três mulheres por dia, um terço do registrado em toda a América Latina, onde o índice é de nove feminicídios diários.

De janeiro a setembro de 2018, 86 mulheres foram vítimas de feminicídio só no estado de São Paulo. A quantidade de crimes desse tipo, em 2018, já era maior que em todo o ano anterior, quando 85 mulheres morreram em decorrência da sua condição feminina.

No Rio de Janeiro, os registros de casos de tentativa de feminicídio, em 2018, de janeiro a outubro, foram de 246 mulheres vítimas de agressões, enquanto no mesmo período do ano anterior foram 208. Os dados são do Instituto de Segurança Pública (ISP).

No Distrito Federal, as estatísticas revelam que o número de mortes de mulheres, vítimas de violência, cresceu 42% em 2018, passando de 18 para 43 casos, de janeiro a novembro, quando comparado ao ano anterior. Os dados são da Secretaria de Segurança Pública.

O levantamento mostrou ainda que 51% das vítimas tinham entre 18 e 41 anos de idade e na maioria dos casos elas foram vítimas dos namorados, companheiros ou maridos com quem convivem sujeitas a algum tipo de dependência, principalmente a financeira. O medo de denunciar é um viés dessas trágicas estatísticas.

O QUE FAZER?

Informar, conscientizar, se solidarizar e insistir na resistência ante uma conjuntura desfavorável e perversa de um país onde apenas 8% dos municípios possuem uma Delegacia da Mulher. De uma nação onde o presidente da República libera, em seu primeiro decreto, o direito de ter armas em casa, que é onde as mulheres mais morrem.

Ou, conforme reflexão da professora Lia Zanotto, publicada na revista Mátria, da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE, número 17, edição 2019, a árdua luta da mulher brasileira pela sobrevivência se dá em uma situação de violência sistêmica que está no DNA do país.

Segundo Lia, a violência contra a mulher faz parte de uma história do Brasil que traz, ao longo do tempo, uma série de instrumentos que, no passado, legitimavam a violência e o cerceamento de liberdade das mulheres.

"As pessoas não sabem, mas os Códigos Penal e Civil, de longa data no Brasil, legalmente instituíram que as mulheres deveriam obedecer aos maridos. Isso perdurou até 1962, quando o Estatuto da Mulher Casada permitiu que ela pudesse trabalhar e viajar sem pedir autorização ao marido."

Basicamente, diz a professora, a igualdade de gênero só aparece na Constituição de 1988. E, mesmo com o avanço da Lei do Feminicídio, a mulher brasileira tem ainda muita luta pela frente, porque não existe local, classe social, faixa etária, doutrina religiosa, tempo ou espaço que esteja livre da violência.

Segundo dados do Instituto Patrícia Galvão, a cada dois minutos, uma mulher registra agressão sob a Lei Maria da Penha; a cada nove minutos, uma mulher é vítima de estupro; a cada dia, três mulheres são vítimas de feminicídio; a cada dois dias, uma pessoa trans ou gênero-diversa é assassinada em algum ponto do território brasileiro.

Não é uma realidade bonita, não há o que celebrar neste mês Internacional da Mulher.

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

BRASIL É O 4º PAÍS DO MUNDO QUE MAIS GERA LIXO PLÁSTICO, E UM DOS QUE MENOS RECICLA

Eduardo Pereira

A poluição por plásticos é das mais graves crises que afetam o planeta Terra. A menos que todos os atores da cadeia de valor dos plásticos se responsabilizem pelo custo real do material para a natureza e para as pessoas, mais de 104 milhões de toneladas de plástico poluirão nossos ecossistemas até o ano 2030.

O alerta vem do novo estudo do WWF (Fundo Mundial para a Natureza), lançado no último dia 4 de março, "Solucionar a Poluição Plástica: Transparência e Responsabilização" (Acesse o estudo completo no site: www.wwf.org.br), realizado em mais de 200 países, que reforça a urgência de um acordo global para conter a poluição por plásticos.

O volume de plástico que vaza para os oceanos todos os anos é de aproximadamente 10 milhões de toneladas, o que equivale a 23 mil aviões Boeing 747 pousando nos mares e oceanos todos os anos – são mais de 60 por dia. Nesse ritmo, até 2030, um volume equivalente a 26 mil garrafas de plástico será encontrado no mar a cada km2, revela o estudo.

A pesquisa mostra também que, segundo dados do Banco Mundial, o Brasil é o 4º maior produtor de lixo plástico no mundo, com 11,3 milhões de toneladas, e uma produção semanal média de 1 quilo de lixo plástico por habitante, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, da China e da Índia.

Desse total, mais de 10,3 milhões de toneladas foram coletadas (91%), mas apenas 145 mil toneladas (1,28%) são efetivamente recicladas, ou seja, reprocessadas na cadeia de produção como produto secundário. Esse é um dos menores índices da pesquisa e bem abaixo da média global de reciclagem plástica, que é de 9%, conclui o estudo.

Os dados revelam ainda que, embora haja um processamento parcial nas usinas de reciclagem, há perdas na separação de tipos de plásticos (por estarem contaminados, serem multicamadas ou de baixo valor), o que resulta no despejo de 7,7 milhões de toneladas de plástico nos aterros sanitários, além de outros 2,4 milhões de toneladas de plástico que são descartados de forma irregular, sem qualquer tipo de tratamento, em lixões a céu aberto.

Eduardo Pereira
Sociólogo
@weiss_guru

SABÃO DE TINGUI, SABONETE KALUNGA

Zezé Weiss

O primeiro presente que me lembro de ter ganhado foi uma bola de sabão de tingui, bem redonda, bem grandona, de minha avó preta, Maria Feliciana de Jesus, no meu aniversário de 9 anos.

Naquele tempo, na roça onde a gente morava, criança não sabia nem quando fazia aniversário, muito menos que tinha direito a presente. Mas como eu estava sarando de um tétano, naquele ano minha vó Maria fez questão da gentileza, que acabou ficando na lembrança do meu passado.

De uns anos pra cá, nessas minhas andanças pela Chapada dos Veadeiros, conheci dona Flor, uma fabulosa raizeira de oitenta e poucos anos que, além dos próprios filhos, trouxe ao mundo mais de 300 crianças da região onde mora, o povoado do Moinho, 12 km distante da sede do município de Alto Paraíso de Goiás.

Por dona Flor soube que o sabão de tingui que ela vende em sua própria "farmácia popular" faz parte da cultura centenária do povo Kalunga e que é rico em propriedades medicinais. Serve, no dizer de dona Flor, para dar brilho e evitar a queda dos cabelos; serve também para curar micoses, coceiras e outras irritações da pele.

Por essa razão, já faz um bom tempo que não gero lixo com embalagem de xampu. Os meus cabelos eu lavo com o sabonete de tingui da dona Flor, que compro em pequenos pedaços quando passo pela Chapada dos Veadeiros. Os meus cabelos melhoram, a minha pele também melhora, e o planeta agradece.

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

Sind Saúde DF
Minha luta, meu orgulho!

LEOLINDA DALTRO

Iêda Vilas-Bôas

Votem, para a Constituinte em

LEOLINDA DE FIGUIEREDO DALTRO

Professora cathedratica municipal jubilada, Directora da Escola de Sciencias, Artes e Profissões Orsina da Fonseca. Foi a mulher brasileira que iniciou a campanha pelo direito de voto, ha cerca de 18 annos. E' a grande e destemida batalhadora de todas as causas nacionaes! Ninguem melhor que ella, poderá representar a Mulher Brasileira na Constituinte.

A sua campanha feminista precedeu á de todas as senhoras que se apresentam como leaders do feminismo.

Foi quem levantou, de longa data, no Brasil, a idéa do direito politico da Mulher.

Foto: Divulgação

Precursora do verdadeiro feminismo pátrio, justiceira notável dos humildes e da humanização respeitadora dos indígenas

No mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, trazemos a figura icônica de Leolinda Daltro, mulher altruísta e possuidora de enorme sentimento de justiça, que se preocupou sobremaneira com a sua condição de mulher, com a condição de outras mulheres de seu tempo, e sempre tendo por objetivo a necessidade de minorar o sofrimento humano, por intermédio de suas ações. O nome inteiro era Leolinda Figueiredo Daltro. Linda desde o nome, chegando à feição, às ações e ao caráter. Memorável brasileira, mãe, educadora e mulher pioneira como ativista da causa indígena e feminista no século XIX.

De seu nascimento, sabe-se o ano – 1859 ou 1860. Mas afinal, dia, mês e ano certo de seu nascimento não interferem na sua destacada forma de atuar dentro da sociedade patriarcal e machista em que vivia. Foi precursora em manter seus ideais modernos, sua atuação ideológica e prática desde o século XIX, e de seus ideais nunca se afastou, tendo mantido suas convicções até o fim de seus dias, em 1935.

Nasceu na Bahia, mas mudou-se em tenra idade para o Rio de Janeiro, onde cresceu e viveu grande parte de sua vida. Viveu em Cascadura, subúrbio carioca, e viajou pelos sertões brasileiros, onde viu, viveu e se indignou com as condições impostas pela miséria e pelo desmando em seu país. Nessas viagens a longínquos sertões para alfabetização de povos indígenas, aos quais não buscava civilizar, mas – palavras de Leolinda: *"dar dignidade por meio da Palavra (dita e escrita). Ensinar o índio a ler e escrever era dar-lhe possibilidade de ser brasileiro".*

Nossa heroína acreditava na defesa da educação laica para indígenas, preocupava-se e cuidava para que essa interferência não configurasse a desnaturalização da raça indígena, que sucumbia sob o caráter hegemônico atribuído às religiões cristãs, que impunham crenças afastadas dos valores culturais dos índios brasileiros. Tomou para si essa luta e por onde passou e atuou deixou seu traço de respeito às diferenças culturais.

Cresceu, casou-se, foi mãe de cinco filhos; e virou ativista de destaque por sua atuação pelos direitos das mulheres quando, em 1910, fundou o Partido Republicano Feminino (PRF). Daltro era professora, lia muito e era uma mulher extremamente inteligente, não cabia nos moldes estabelecidos para seu tempo. Sendo assim, logo se destacou por seus pensamentos e ações que lhe trouxeram uma carga de muito preconceito. Conta-se que, em razão de suas ideias, Leolinda sofreu, em Uberaba-MG, toda sorte de perseguições por parte da elite local, chegando a ser escorraçada da cidade por uma turba que a chamava de mulher do diabo.

Ela publicou em 1920 um artigo (mais de 20 anos após ter se afastado da causa indigenista) onde registrou o atentado sofrido contra sua vida, situação em que foram assassinados seus protetores, o coronel Leão Leda e seu filho. Leolinda vivenciou, portanto, uma situação clássica em que a palavra, que discrimina, ofende e oprime, anuncia e respalda intenções ou atentados contra a integridade física ou contra a própria vida. Foi enxovalhada por xingamentos e conforme conta: *"teve que lutar contra a pior das armas de que se serviam os adversários da mulher: o ridículo".*

Leolinda incomodava. Quem era aquela que ousava desafiar as leis e homens daquele período (1909 a 1935)? Quem era aquela que lutava pelos direitos das mulheres, dos indígenas, pelo direito às diferentes formas de cultos religiosos? Quem era aquela rebelde que mal conseguira manter seu casamento (era desquitada), por se envolver em assuntos de homens? Quem era essa mulher tão querida por seus familiares e tão odiada pela opinião pública? Só poderia ser "A Mulher do Diabo".

De certo modo, era mesmo diabólica, na medida em que abria brechas, abalava pilares de um Brasil fervorosamente católico da época. Levava sua voz e a distribuía aos quatro ventos, carregando o preconceito e as condenações que lhe eram impostas por ser uma mulher desquitada, ativa politicamente, por circular em ambientes masculinos, proclamando e arrebatando também alguns poucos admiradores e maior quantidade de admiradoras que acreditavam na transformação de uma sociedade menos injusta, pela educação e pela luta. Leolinda lutou ferrenhamente para garantir o direito das mulheres ao voto. Isso só poderia ser coisa de "Mulher do Diabo". A imprensa e seus desafetos lhe dedicavam controversos adjetivos: *"santa, anjo, excêntrica, monomaníaca, visionária, heroína, louca de hospício, doce mãe, aproveitadora, herege e anticristo".*

Leolinda se incomodava intensamente com o fato das mulheres ainda não poderem votar. Assim, ela fundou o Partido Republicano Feminino, em 1910, que tinha como missão mobilizar o público feminino para lutar por seus direitos. A agremiação era uma espécie de "antipartido". Leolinda criou táticas para "fazer barulho": solicitava audiências, fazia passeatas e mantinha sua inspiração nas sufragistas europeias.

Em 1911, como docente da Escola Orsina da Fonseca, mobilizou e liderou suas alunas, em passeata, até o Palácio do Catete. A imprensa não a perdoou, e ela foi alvo de muitas críticas, a maior delas era a de que as mulheres não podiam participar da política, porque não lutavam nas guerras. A valente Leolinda não se deixou abater e, a partir daquele momento, em suas aulas, passou a ensinar as suas alunas a manejar armas.

Fez mais, apresentou requerimento, que foi negado, pedindo direito para o voto feminino, em

Foto: Divulgação

1916. Fez campanhas educativas e em 1919 – há cem anos – lançou-se como a primeira brasileira candidata às eleições municipais. Em sua plataforma de governo, defendia a diminuição das desigualdades, da miséria e a equiparação dos direitos civis. Sua candidatura teve o registro cassado e negado. Entretanto, ela conseguiu que a questão da emancipação política feminina fosse debatida. Leolinda não aceitava essa diminuição intelectual e social das mulheres. Questionava essa "superioridade" dos homens, que negava às mulheres, por exemplo, o direito ao voto ou a ser votada. Com mais de 70 anos de idade candidatou-se a constituinte.

Daltro reivindicava e lutava, também, pelo direito de uma educação laica para os índios e do amplo acesso dos mesmos à educação, de forma que sua identidade cultural fosse o mais possível preservada. A atuante professora trabalhou, inclusive, em turmas noturnas para crianças e mulheres que tinham necessidade de trabalhar ao longo do dia, atividade que manteve por longos anos e que se estendeu até sua velhice.

A vida de Leolinda não foi fácil, por conta de seus ideais e ações recebia toda uma carga de violência simbólica que se manifestava através da linguagem (escrita e falada). Esse era um mecanismo recorrente que foi utilizado como instrumento de opressão das lutas femininas. Leolinda seguiu passos de importantes precursoras da história como Joana D'Arc[1] e Hipátia[2] , e nessa cadeia de coragem e valentia a própria Leolinda serviu e serve de exemplo de ativismo político e social para as mulheres dos tempos contemporâneos. Essas precursoras estão refletidas, por exemplo, na luta e ação de Marielle Franco e Anderson, mártires que lutaram na mesma trincheira, em defesa dos direitos das mulheres e pelo respeito à diversidade de gênero.

A professora visionária deu os primeiros passos, outras aprofundaram a questão da dicotomização entre os gêneros. Hoje, a pauta dos movimentos de mulheres é bem ampla e passa pela reclamação de remunerações igualitárias para a mesma função exercida pelos homens. Também, destaca a violência física contra mulheres, que reflete o poder dos homens sobre os corpos femininos, esses são grandes e importantes pilares da luta contemporânea.

Pelo seu papel na História brasileira merece ser conhecida, reconhecida e saudada: Salve, Leolinda!

[1]Conhecida como a "Donzela de Orleans", uma guerreira e líder militar francesa. É considerada uma das personagens históricas mais importantes na formação do estado nacional francês devido aos seus feitos militares.
[2]Filósofa neoplatônica grega do Egito Romano. Foi a primeira mulher documentada como tendo sido matemática.

Iêda Vilas-Boas
Escritora

Foto: Divulgação

NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM

Zezé Weiss

Foto: Divulgação

O carro alegórico que fechou o desfile da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti trazia estampada a clássica imagem de duas mãos segurando uma flor, envoltas pela frase "Ninguém Solta a Mão de Ninguém."

Essa mesma frase encerrou a carta lida pela atriz Lucélia Santos no encerramento do encontro "Chico Mendes 30 Anos" em Xapuri, no Acre, em 17 de dezembro de 2018.

Com o uso frequente desse bordão de resistência, muita gente passou a se perguntar sobre sua origem. A resposta veio de um post do jornalista Luís Nassif em suas redes sociais.

Segundo Nassif, durante os tempos da ditadura militar (1964-1985), nos barracos improvisados onde funcionava o curso de Ciências Sociais da USP, vez por outra as luzes eram repentinamente apagadas e os estudantes, em pânico, gritavam no escuro: "Ninguém solta a mão de ninguém!".

Esse era o mecanismo de defesa para tentar se defender dos algozes da ditadura. Nassif conta também que depois da busca no escuro, os estudantes costumavam fazer uma chamada para se assegurar que todos estavam salvos. Infelizmente, sempre faltava alguém, que por vezes nunca mais aparecia.

Já o desenho que viralizou depois das eleições de 2018 foi criado pela artista plástica mineira e tatuadora Thereza Nardelli, de 30 anos. A frase, segundo Thereza, era repetida por sua mãe, como uma espécie de mantra, nos momentos difíceis da vida.

Thereza explica ainda que o desenho foi feito com intenção de representar conforto. "Ele mostra que nós não estamos sós. Que tem gente por perto, que ninguém está sozinho, e que a gente pode contar um com o outro."

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

COMO PODE SABER UM HOMEM O QUE É UMA MULHER?

Leonardo Boff

Hoje celebramos o mês da mulher num contexto de grande conscientização a nível mundial sobre as violências que sofrem as mulheres pelos homens, maridos, namorados e parentes, inclusive crianças inocentes. O tráfico de mulheres no mundo ascende a um bilhão de dólares.

A cultura patriarcal não foi superada ainda. Pelo fato de a mulher ser mulher, pode ter a mesma competência que os homens, ganha cerca de 20% a menos em quase todos os países do mundo. E a saber que no começo de tudo está não o masculino (o mito de Adão) mas o feminino, gerador de todos os humanos, desde as águas primordiais dos oceanos e depois geneticamente.

Não há como reparar esta discriminação senão fazendo uma verdadeira revolução de hábitos. Elas, as mulheres, a estão fazendo. Nós podemos ser forças auxiliares, mudando nós mesmos, apoiando-as em tudo e sendo parceiros e companheiros delas em todas as tarefas da vida. Há uma diferença de gênero. Mas a diferença é para a reciprocidade e a mutualidade de tal modo que nos relacionando, em formas paritárias, todos nos faremos mais completos e humanos.

As mulheres são mais da metade da humanidade. E são também as mães e irmãs da outra metade que são os homens. Como não tratá-las com carinho e cuidado que merecem? Foram elas que nos puseram neste mundo. Estamos sempre em seus corações e de lá nunca sairemos.

Há muitos textos comovedores que exaltam a figura da mulher. Mas há um de grande beleza e verdade que nos vem da África, de uma nobre abissínia, recolhido como prefácio ao livro Introdução à essência da mitologia (1941), escrito por dois grandes mestres na área, Charles Kerény e C. G. Jung. Assim fala uma mulher em nome de todas as mulheres.

"Como pode saber um homem o que é uma mulher? A vida da mulher é inteiramente diferente daquela dos homens. Deus a fez assim. O homem fica o mesmo, do tempo de sua circuncisão até o seu declínio. Ele é o mesmo antes e depois de ter encontrado, pela primeira vez, uma mulher. O dia, porém, em que a mulher conheceu seu primeiro amor, sua vida se divide em duas partes. Neste dia ela se torna outra. Antes do primeiro amor, o homem é igual ao que era antes. A mulher, a partir do dia de seu primeiro amor, é outra. E assim permanecerá por toda a vida toda.

O homem passa uma noite com uma mulher e depois vai embora. Sua vida e seu corpo são sempre os mesmos. A mulher, porém, concebe. Como mãe, ela é diferente da mulher que não é mãe. Pois, ela carrega em seu corpo, por nove meses, as consequências de uma noite. Algo cresce dentro dela, que jamais desaparecerá. Pois ela é mulher e mãe. E permanecerá mulher e mãe, mesmo quando a criança ou todas as crianças tiverem morrido. Pois ela carregou a criança em seu coração. Mesmo depois que ela nasceu, continua a carregá-la em seu coração. E de seu coração não jamais sairá. Mesmo que a criança não viva mais.

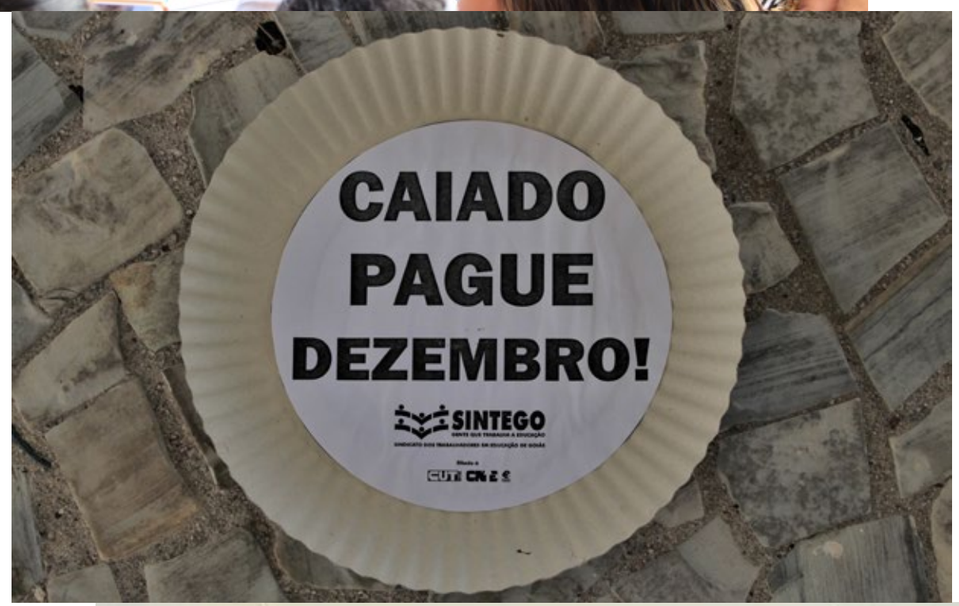
Tudo isso o homem não conhece. Ele não sabe nada disso. Ele não conhece a diferença entre o "antes do amor" e o "depois do amor", entre antes da maternidade e depois da maternidade. Ele não pode conhecer. Só uma mulher pode saber e falar sobre isso. É por isso que nós, mulheres e mães, nunca nos deixaremos persuadir pelo machismo de nossos maridos. A mulher pode somente uma coisa: ela pode cuidar dela mesma; ela pode se conservar decentemente; ela deve ser o que a sua natureza é; ela deve ser sempre menina e mãe. Antes de cada amor é menina. Depois de cada amor é mulher e mãe. Nisso poderás saber se ela é uma boa mulher e mãe ou não".

Sem dúvida, trata-se se uma visão sublimada da mulher e da mãe. Pois nelas há também sombras que acompanham sempre a condição humana, também feminina.

Mas nos dias de hoje, no mês da mulher, queremos esquecer as sombras para apenas focalizarmos o momento de luz que toda mulher representa. Por isso que hoje devemos saudar as mulheres e abraçá-las para dar e receber toda a energia (axé) que elas carregam.

Busquemos um equilíbrio entre os gêneros. Diferentes, mas juntos. Que nunca mais se prolongue a guerra dos sexos que, infelizmente, ainda perdura.

Leonardo Boff
– Escritor. Teólogo. Autor do livro em parceria com Rose-Marie Muraro, Feminino e Masculino. Uma nova consciência pra o encontro das diferenças (Sextante) 2002.



Fotos: Acervo Sintego

CAIADO, PAGUE O NOSSO SALÁRIO!

Bia de Lima

SINTEGO completa 30 anos de luta e entra em 2019 cobrando direito básico dos/as trabalhadores/as: o salário

O direito básico do/a trabalhador/a de receber seu salário em dia, bem como férias e 13° salário, não vem sendo cumprido pelo atual governo de Goiás, liderado por Ronaldo Caiado (DEM). Desde o dia 3 de janeiro deste ano, data da primeira reunião entre a atual administração estadual e os representantes sindicais do Fórum em Defesa dos Servidores e Serviços Públicos de Goiás, o SINTEGO luta incansavelmente para garantir o pagamento do salário integral do mês de dezembro de 2018, para ativos/as e aposentados/as.

Até o momento, 44% da categoria da Educação já receberam seu salário líquido de dezembro, no entanto, outros 56%, cuja maioria tem para receber o 13° salário, férias, bônus, entre outras coisas, ainda não foram remunerados devidamente. Situação que atinge os/as aposentados/das da Educação e, chega no limite, já que este grupo recebeu o salário de fevereiro após o Carnaval, fora do prazo combinado, tornando a situação desesperadora.

A Educação foi a única categoria que já começou a receber o salário atrasado de dezembro, após um intenso trabalho de cobrança do SINTEGO, que articulou e conseguiu que o dinheiro destinado à pasta da Educação fosse administrado pela própria. As demais categorias entraram em um escalonamento definido pelo governo que, ressaltamos, não foi aceito pelas entidades sindicais.

A luta se estende há mais de dois meses. O Governo de Goiás e a Secretaria da Economia apresentam um discurso fraco e recorrente, alegando que não há dinheiro para o pagamento, mas travam processos, dificultam ainda mais as burocracias e erram em pontos essenciais, a exemplo da falha na folha de fevereiro dos/as aposentados/as que, além de não receberem no prazo acordado pela administração de Goiás, receberam o contracheque faltando o valor do complemento do salário mínimo, uma desumanidade.

"Vamos continuar insistindo: paguem a Educação, não só o pessoal da ativa, mas também os/as aposentados/as. Não é justo o que este governo está fazendo com os/as trabalhadores/as e aposentados/as, isso é um desgoverno. Exigimos respeito!", declara a presidenta do SINTEGO, Bia de Lima.

O SINTEGO chega a 2019, com 30 anos completos de existência, reforçando seu histórico de luta pelos/as trabalhadores/as da Educação. Seguiremos resistindo! Salário não é favor, não é negociável, é direito do/a trabalhador/a. Ninguém solta a mão de ninguém!

Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

SINTEGO 30 ANOS 1988 - 2018

Um minuto em Defesa e Promoção da Escola Pública

Participe do concurso de vídeos e gifs animados de até um minuto sobre o tema "Defesa e Promoção da Escola Pública". Se você é trabalhador em educação sindicalizado*, estudante* ou responsável por aluno*, envie seu vídeo!

*Profissionais, responsáveis ou alunos de escola pública.

Serão 4 prêmios
no valor do piso salarial do magistério

Inscrições gratuitas até 1º/4/2019

cnte.org.br/concurso

EDUCAÇÃO PÚBLICA EU APOIO

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação Brasil
www.cnte.org.br

Filiada à CUT BRASIL · Internacional da Educação · CEA · FNPE Fórum Nacional Popular de Educação

Foto: Izalete Tavares

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **150**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **250**,00 24 EDIÇÕES (BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

ASSINE JÁ! **WWW.XAPURI.INFO/ASSINE**